Ritos Imagéticos e Práticas Curativas: ervas, Quintais e a Medicina dos Povos da Floresta

Visual Rituals and Healing Practices: Herbs, Domestic Gardens, and the Medicine of Amazonian Forest Peoples

Silvia Carla Marques Costa [8]
Docente da Universidade Federal do Amapá (Unifap)

Resumo: Este ensaio visual etnográfico discute as práticas curativas dos povos da floresta na Amazônia amapaense, enfatizando a relação entre ervas medicinais, quintais domésticos, benzimentos, rezas e conhecimentos ancestrais transmitidos pela oralidade. Ancorado na perspectiva da Cartogr/Ação, o trabalho acompanha trajetórias de parteiras, rezadeiras, raizeiras e outros sujeitos que mantêm viva uma medicina fundamentada na coexistência entre dimensões materiais e espirituais do cuidado. As narrativas apresentadas evidenciam que a eficácia terapêutica dessas práticas não se restringe às propriedades farmacológicas das plantas, mas envolve rituais, memórias, afetos, pertencimentos e formas específicas de relação entre humanos e não humanos. O estudo dialoga com reflexões sobre colonialidade, epistemicídio e resistência dos saberes tradicionais, destacando a potência dos conhecimentos indígenas, afro-referenciados, caboclos e ribeirinhos na produção de formas coletivas de cuidado. As dezenove imagens que compõem o ensaio não buscam documentar ou identificar sujeitos específicos, mas registrar atmosferas, sensibilidades e experiências situadas no cotidiano amazônico. Nesse sentido, as imagens constituem fragmentos visuais que acolhem devaneios, afetos e atravessamentos, revelando a floresta como território pedagógico, terapêutico e

Recebido em: 30 dez. 2025 Aprovado em: 25 mai. 2026

[8] Doutora em Sociologia. Mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais FAV-UFG. Especialista em arte Educação em Instituições Culturais. Professora das disciplinas na área de Ensino em arte da Universidade Federal do Amapá. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/6038079327109593 E-mail: silviam@unifap.br

epistemológico. O ensaio propõe reconhecer os quintais, as feiras e os espaços comunitários como lugares de produção de ciência, memória e cura, contribuindo para a valorização de saberes historicamente marginalizados.
Palavras-chave: Cartogr/Ação; Amazônia amapaense; saberes tradicionais; práticas curativas; etnografia visual.

Abstract: This visual ethnographic essay examines the healing practices of forest peoples in the Brazilian Amazon, highlighting the relationships among medicinal plants, household gardens, blessings, prayers, and ancestral knowledge transmitted through oral traditions. Grounded in the perspective of Cartogr/Ação, the study follows the trajectories of midwives, healers, herbal practitioners, and other knowledge keepers who sustain forms of medicine based on the coexistence of material and spiritual dimensions of care. The narratives demonstrate that therapeutic efficacy extends beyond the pharmacological properties of plants, encompassing rituals, memories, affective bonds, senses of belonging, and specific modes of interaction between human and non-human beings. The essay engages with debates on coloniality, epistemicide, and the resilience of traditional knowledge systems, emphasizing the contributions of Indigenous, Afro-referenced, caboclo, and riverine epistemologies to collective practices of healing and well-being. The nineteen images included in the essay do not seek to identify particular subjects but rather to evoke atmospheres, sensibilities, and experiences rooted in everyday Amazonian life. As visual fragments, they embrace affections, reflections, and encounters, portraying the forest as a pedagogical, therapeutic, and epistemological territory. The study advocates for the recognition of gardens, marketplaces, and community spaces as sites of knowledge production, memory, and healing, contributing to the appreciation of historically marginalized forms of knowledge.
Keywords: Cartogr/Ação; Brazilian Amazon; traditional knowledge; healing practices; visual ethnography.

Introdução

No coração pulsante da Amazônia, raízes, folhas e rezas, germina um saber tecido por mãos antigas, mãos que benzem, que colhem no tempo certo, que conhecem o silêncio das plantas e o sussurro dos rios. Este trabalho é uma

Cartogr/Ação[9] que caminha entre quintais, feiras e benzedeiras, escutando a voz vegetal da floresta e os encantos que curam mais que princípios ativos, curam com memória, fé e pertencimento.

A medicina dos povos da floresta é feita de corpo inteiro: dos olhos que reconhecem uma folha no mato ao gesto que a transforma em chá, banho ou defumação. Não se trata apenas de tratar o corpo, mas de reequilibrar mundos, visível e invisível, mundos que se atravessam em coexistências entre humano e não-humano. Aqui, a dureza da carapaça do jabuti vira proteção para a infância, o amargor da casca do cajueiro estanca sangramentos com seus taninos e sua palavra cantada, e a viscosidade de uma planta pode ser o alívio para uma parturiente em trabalho de mundo. O óleo de andiroba que cura a garganta e ecoa a voz dos povos da floresta em suas cidades emocionais.

O xamanismo, longe de ser folclore, é tecnologia espiritual, ciência enfeitiçada, saber que não se separa de seus rituais. A eficácia não reside apenas na química das espécies, mas na capacidade de encantá-las, de convocar a cura como se chama um espírito bom para dentro da casa. É nesse entrelaçar de ciência e mito que a farmacopeia indígena e afroreferenciada nos oferece uma visão radicalmente outra do que pode ser o cuidar, estar presente, estar junto e viver coletivamente sem nunca ter fim, mas início, meio e começo como enunciado por Bispo.

As ervas não habitam apenas as matas fundas. Elas crescem nos quintais, entre bananeiras e galinhas, aparecem nas feiras, pendem dos varais nas baiucas da cidade. A medicina das parteiras, rezadeiras e raizeiras atravessa os asfaltos de Macapá, circula de bicicleta, de boca em boca, de gesto em gesto. Cada planta tem seu tempo, sua forma de ser arrancada da terra, seu segredo guardado entre gerações. Essas práticas, transmitidas na oralidade e na presença e o agora que compõem um saber fazer coletivo e resistente. E esses saberes são partilhados também nos encontros com pessoas negras que se cumprimentavam na rua em cura e fragmentação que contrariam e rechaçam os fragmentos do colonialismo como advertido por Grada Kilomba (2020).

Esse ensaio visual, portanto, intenta reconhecer essa medicina tendo a floresta como mestra. Na indicação que é sim entender que a cura mora também nos quintais de terra batida, nas mãos enrugadas das parteiras e nos

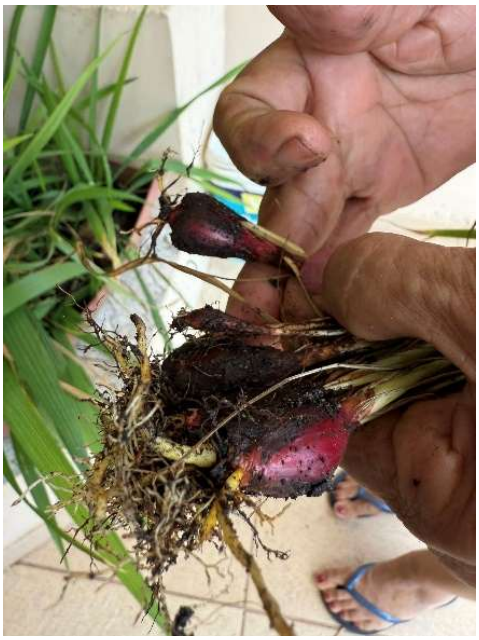
[9] A ação de uma imersão sensível, lenta e singular de acessar e viver o campo de pesquisa através da captura e feitura de imagens. Ou seja, o envolvimento de quem é levado pelo percurso de cartografar no fazer, nos olhares e nos sentires dos interlocutores. Consagração do transver do corpo e o aparato tecnológico. Assim, alio a ideia de capturar imagens e o compromisso com o campo em engajamento afetivo e epistêmico para uma poética dos vínculos vivenciadas pelos povos amazônicos em suas comunidades emocionais.

cânticos que atravessam o tempo. É afirmar que há ciência na folha amassada com reza, que há potência nos saberes que desafiam o epistemicídio. Esta etnogr/Ação caminha entre esses mundos e, ao descrevê-los, também se deixa curar por eles.

As 19 imagens é um compilado de percepções dessa vida cabocla, ribeirinha e urbana e não exige identificação, mas insinuam uma vida situada na Amazônia Amapaense e em cartogr/Ação acolhe os devaneios, atravessamentos e sentimentos da escuta e o do olhar da autora. Portanto as imagens imprimem afago, consolo e ideias de um viver pensante.















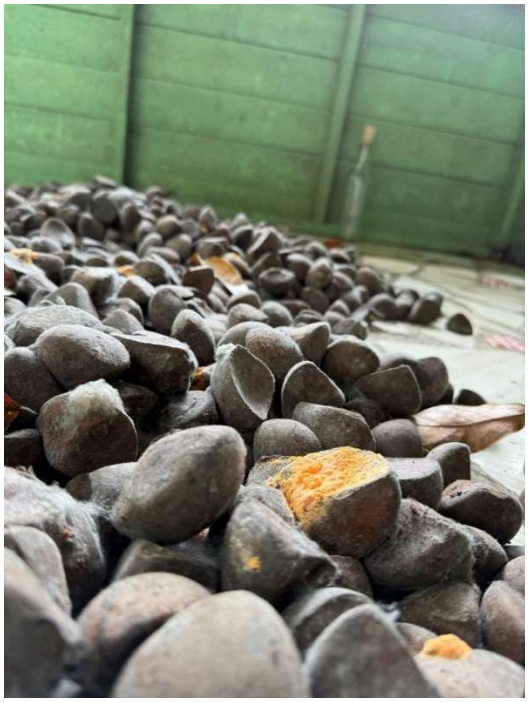


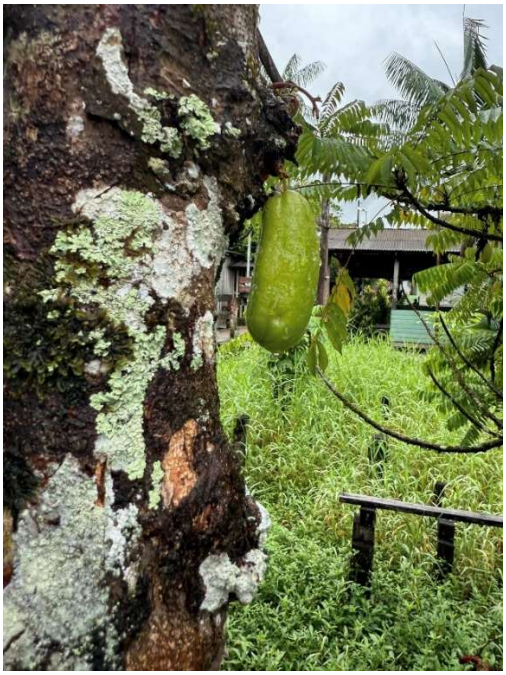






















Referências

CORDEIRO, Maria da Silva. “Doença de feitiço”, ações terapêuticas e os percursos de cura em terreiros de umbanda e candomblé em Macapá-AP. 2016. Programa de Pós-Graduação Em Sociologia. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2016.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano; tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

REIS, M.V. F. Política e religião: o envolvimento dos católicos carismáticos na política brasileira. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos, 2011.

REIS, M.V. F.; ALBUQUERQUE E. C. Religião, política e educação: concepções de racismo religioso dos professores do estado do Amapá, 2016.